

Natação e mídia: do esporte ao espetáculo

Rosângela Soares Campos¹

Arthur Araújo Amui²

Ulysses Meiwa Nakamura³

Almir Junior Ferreira⁴

Fabício da Silva Pinto⁴

RESUMO: Este artigo tem como propósito analisar como a natação foi destacada na mídia a partir do início do século XX, e de que forma a mídia contribuiu para transformar esta modalidade em espetáculo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em artigos e no caderno de esportes da Revista Veja, a partir da década de 60.

PALAVRAS- CHAVE: natação e mídia; esporte e espetáculo

ABSTRAT: This article have the intention to analyse how the swimming was put in relief in the begining of the 20th century, and how the mass media contributed to transform this sport in a kind of entertainment show. It was done a research with articles and at the in “Caderno de Esportes” of the “Veja” Magazine, in the 60th decade.

KEYWORDS: swimming and media; sports and show.

¹ Mestre em Educação Física, professora e coordenadora do curso de Educação Física da Faculdade União de Goyazes; contato: rosangelagyn@gmail.com

² Graduado em Educação Física pela Universidade Católica de Goiás;

³ Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás, professor da Faculdade União de Goyazes;

⁴ Professor de Educação Física, Especialista em Docência Universitária;

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como propósito analisar como a natação foi destacada na mídia a partir do início do século XX, e de que forma a mídia contribuiu para transformar esta modalidade em espetáculo. Para a construção deste artigo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica em artigos e em especial no caderno de esportes da *Revista Veja*. A escolha dessa revista foi em função do fácil acesso aos seus acervos digitalizados, sendo que as matérias foram selecionadas conforme o destaque dado à natação.

A relação entre natação e mídia é antiga, data do fim do século XIX com a divulgação desta modalidade através de notícias em periódicos, como a *Revista Sportman*, o jornal *Imprensa* e *O Sport*. Esses periódicos limitavam apenas a veicular quais as provas e os resultados obtidos, assim como noticiar as competições comemorativas à inauguração de alguns clubes (Viana, 1996).

As Revistas *Sports*, em São Paulo, e *Tricolor*, editada pelo Fluminense Futebol Clube, no Rio de Janeiro na década de 20, veicularam artigos sobre a educação física, higiene, comportamento e os resultados das competições de natação. Essas revistas destacavam a natação como o melhor esporte a ser praticado pelas mulheres com o argumento de que a modalidade trazia graça, beleza e seria a mais adequada à estrutura biológica feminina, como pode ser observado no trecho abaixo:

“Por quê? Porque a natação (...), a arte de saltar n’água e mergulhar, são muito mais “femininos” do que quaisquer outros esportes. (...), na água a mulher quase sempre se iguala aos homens, ultrapassando-os muitas vezes. É que elas possuem em alto grau esse senso especial da economia do esforço, (...) são muito mais leves, relativamente ao peso de água que deslocam, do que os homens e sentem muito menos frio. (...) elas sentem (...) que a natação tem uma capacidade morphogenica incomparável, constructora (...) da harmonia plástica do corpo e inspiradora de graça (...). A natação é a única actividade física que, mais arte do que ciência, exige a posse dessa intuição do ritmo e da harmonia que é como um sexto sentido feminino e de que está privada a quase totalidade mulheres do que para os homens, de sensibilidade menos apurada (...) indiferentes a essa mutação (...) da água, tão semelhante á alma da mulher e que por isso mesmo, mais do que a nós, as atrai, seduz e prende. (Sports, 1920, p. 25 apud Devide 2001, p. 138)

Conforme Schpun (1999 – *apud* Devide, 2001), especialmente a partir de 1920 o esporte transforma-se em sinônimo de virilidade, força e agilidade para o homem; e, para as mulheres, de graça e beleza, sendo a natação, o tênis e a ginástica os esportes mais recomendados. Dessa maneira os objetivos buscados com a prática esportiva são distinguidos conforme o sexo, sendo a mídia um dos principais veículos desta distinção.

A *Revista Educação Physica*, editada a partir de 1932, como periódico específico da Educação Física, fortalece a relação entre natação e mídia. Este periódico é marcante no campo das práticas aquáticas, pois influenciou o consumo de vestimentas esportivas, comportamentos, cuidado com o corpo e a própria prática da natação como elemento diferencial entre as classes. Nomes como os de Maria Lenk, Piedade Coutinho e Edith Groba, nadadoras presentes nos Jogos Olímpicos de 1932, 1936, 1948 e 1952 foram destaque, não apenas enquanto nadadoras, mas como símbolo do ideal feminino: corpo saudável, belo e gracioso (Devide, 2001).

Importante ressaltar que tais publicações refletiam os ideais da principal tendência da Educação Física nesse período - *Higienista/ eugenista* que tinha como finalidade a melhoria das funções orgânicas, formação das qualidades motoras, desenvolvimento do patriotismo, formação de uma raça pura e forte, de valores como obediência, respeito à autoridade e submissão.

Além da mídia escrita, a natação também foi divulgada no cinema, como um ideal de esporte. Johnny Weismüller, nadador norte americano, campeão olímpico com recordes mundiais, divulgou a natação como protagonista de filme como “Tarzan, o homem gorila”, em 1931. Esther Willian, também campeã norte-americana de natação, em 1942, estrelou o filme “Escola de sereias” (Camargo, 1999). Tais filmes divulgavam o ideal de corpo, o qual poderia ser conquistado pela natação.

Na década de 50 a natação recebeu um maior espaço de divulgação nos periódicos, além de ter sido recomendada como prática de sobrevivência de soldados, abordando técnicas dos nados. Já nas décadas de 60 e 70, além de noticiar os resultados, os artigos sobre natação mencionavam as melhores técnicas para os nados, refletia sobre a relação comercial entre nadadores e clubes e apresentava a biografia dos principais atletas (Viana, 1996).

A primeira vez que a *Revista Veja* (1968a, p. 49) publicou uma matéria em que mencionava a natação foi em 1968, com o título “Os olímpicos: Brasil pode vir do México com três medalhas de ouro”. A matéria, embora acompanhada da foto do nadador José Silvio Fiollo, apenas afirmava que o mesmo tinha o segundo tempo do mundo na natação. Já na edição do dia 2/10 do mesmo ano a revista trazia uma matéria especial sobre o atleta, na qual apresentava sua biografia, desde o início de sua trajetória com cinco anos até conquistar o recorde mundial (Revista Veja, 1968b)

Em 1972 a *Revista Veja* publicou uma matéria sobre a relação do esporte e a feminilidade. Para tanto, foram entrevistadas várias esportistas, além da psicóloga Christine Pichard, a qual fez uma observação curiosa: “as atletas são geralmente muito mais interessadas em sexo e receptivas às investidas amorosas que as mulheres não esportistas”. A nadadora americana Debbie Ball foi um dos destaques da matéria com o seguinte comentário “se somos ou não mais sexys que as outras mulheres, somente os homens poderão responder”. (Revista Veja, 1972a, p.65). Ao lado da declaração foi estampada uma foto da bela nadadora em pose sexy. Nota-se que como nas décadas anteriores tenta-se associar a natação ao belo, ao feminino, assim como ao sexo e ao que podemos chamar de “sexual appeal”.

Nesse aspecto, devemos ressaltar que a partir da década de 60 as mulheres obtiveram resultados nunca obtidos anteriormente, o que levou a sociedade a questioná-las quanto a sua identidade sexual. Diante disso, as atletas conviviam com o dilema da auto-localização entre o estereótipo de feminilidade e a busca pela alta performance. As que obtiveram resultados surpreendentes, como a alemã Inge Bruijn, foram colocadas sob suspeita de doping (Devide e Votre, 2005), entre outras acusações.

Entretanto, esse período pode ser caracterizado por um maior planejamento e sistematização do treinamento a partir de princípios científicos, o que permitiu uma extraordinária evolução na natação. O fato é que a sociedade machista e preconceituosa dessa época se incomodava com os resultados da natação feminina e atribuía as altas performances ao doping.

Para piorar a situação, a década de 70 foi marcada pelo caso de doping de algumas nadadoras alemãs que surpreenderam o mundo nos Jogos de 1972,

1976 e 1980, em função dos altos níveis de desempenho e do excesso de músculos. (Pucioldi, 2005).

Em 1972 o destaque da natação na mídia foi o nadador Mark Spitz, chamado de “tubarão da América” pela imprensa de seu país. A matéria intitulada “as medalhas do tubarão de Munique”, do caderno de esportes da Revista Veja (1972b) apresenta a trajetória de Spitz até as Olimpíadas de Munique. O nadador estava desacreditado até pelos americanos em função da performance considerada ruim nas Olimpíadas do México, pelo fato de ter conquistado apenas dois ouros, dos seis possíveis. Entretanto, em Munique Spitz arrebatou oito ouros, recuperando seu prestígio.

Em 1974 a mesma revista publicou a matéria “Afundou, ganhou”, na qual o nadador Djan Garrido Madruga, após ter vencido a Travessia de São Paulo, assumiu ter puxado os pés do americano Bill Miller, que ficou no segundo lugar. Djan afirmou que na Travessia do ano anterior fizeram o mesmo com ele - “agora aprendi que é melhor afogar os outros do que ser afogado” (Revista Veja, 1974, p.65). A mesma matéria conta também a história de Oswaldo Mauro (ex-nadador), classificada pela revista como “boa história”. Mauro que havia competido na Travessia na década de 20, afirmou que “logo após a largada, ele e seus amigos costumavam sair da água e fazer quase todo o percurso a pé, só voltando a mergulhar próximo a chegada”, ficando, portanto, entre os primeiros colocados. Entretanto, houve um ano em que um dos seus amigos resolveu treinar e participar seriamente da travessia. No dia da prova, Mauro deixou a água e retornou próximo da linha de chegada, quando ouviu: “Se chegar na minha frente, eu te mato, seu desgraçado”. Era o amigo de Oswaldo Mauro que havia treinado e protestado contra tal prática. Mauro então deixou o amigo passar na sua frente. Blota Jr da Rádio Record, que não sabia da trapaça de Mauro, terminou a transmissão da prova com o seguinte comentário: “Eu nunca tinha visto um nadador tão gentleman” (REVISTA VEJA, 1974, p.65). Essas e outras histórias relatam as formas de trapaça utilizadas pelos nadadores desde a década de 20.

Ressalta-se que nessas décadas predominou a tendência esportivista da Educação Física, a qual buscava o rendimento, a competitividade, a eficiência, a

racionalidade e a seleção de talentos. A mídia conseqüentemente reproduz tal tendência e transforma o esporte em um verdadeiro espetáculo.

Em 1980, Djan e Rômulo Arantes Jr. foram as estrelas da natação brasileira em destaque na mídia esportiva. Djan, chamado de máquina de nadar, e Rômulo, de espetacular, eram as esperanças do Brasil para as Olimpíadas de Moscou (Revista Veja, 1979). As boas performances de Rômulo lhe renderam convites para atuar em novelas televisivas, tornando-se um astro global.

Nos anos 80 a mídia reforçou o esporte enquanto produto de consumo. Os esportistas foram transformados em ídolos, garotos propagada, igualando-se aos ídolos de cinema e de novela. Conseqüentemente, suas imagens e histórias de vidas foram exaustivamente veiculadas em revistas e jornais (Camargo, 1999). Neste período surgiram várias correntes críticas da Educação Física, que debatiam e combatiam o que chamavam de conseqüências “negativas” do esporte competitivo, precoce e espetacular, divulgado especialmente pela mídia.

Em 1984, Ricardo Prado foi capa da Revista Veja (1984), ganhando o epíteto de “O gênio das águas”. A revista trouxe uma matéria com cinco páginas sobre a vida de Prado, considerando-o herói nacional após duas medalhas no Pan de 1983, em Caracas. Além disso, a matéria analisou o perfil morfológico de Prado, destacando sua pequena estatura, ou seja, 1.65m, comparando seus tempos com os de outros nadadores.

No mesmo ano, no programa Globo Esporte, o repórter perguntou a Prado sobre as perspectivas na final, e Prado lhe respondeu “Acho que dá”, referindo-se ao ouro. Podemos afirmar que Prado nesse momento “carregou o país nas costas”, para usar uma expressão popular. O “garoto de Ouro do Brasil” recebeu a medalha de prata nos 400m medley e foi considerado um prodígio pela mídia brasileira. Porém, abandonou a natação aos 22 anos (Junqueira, 2008). Será que a pressão da mídia e as expectativas excessivas influenciaram o desempenho de Prado? Influenciaram o abandono? É uma questão que permanece, a nosso ver, ainda em aberto.

Depois de Prado, o grande ídolo da natação brasileira foi Gustavo Borges, o qual conseguiu a medalha de prata nos 50 m livre. Todos os jornais da época descreveram o drama da classificação de Borges em quarto lugar. Entretanto, minutos depois veio à confirmação de que Borges na verdade havia chegado em

segundo lugar e não em quarto, como a mídia divulgara. O fato decorreu de um simples erro no placar, mas o episódio foi explorado pela mídia *ad nauseam*. Conforme a Revista Veja (1992, p.70)

“a medalha foi resgatada no grito. Ainda bem que o bafafá Olímpico envolvendo Gustavo Borges pode ser resolvido rápido e a seu favor. Transmitido ao vivo para todo o Brasil a começar pela sua cidade de Ituverava, perto de Riberão Preto, o suspense colocava a torcida brasileira em pé de guerra. Isto é um roubo, um assalto. Trata-se de uma jogada para beneficiar o competidor americano, proclamava publicamente o secretário de Esportes do Brasil Bernard Rajzman”.

O maior nadador brasileiro da atualidade é César Cielo, campeão dos 50 metros livre nas Olimpíadas de Pequim. César foi transformado em imperador das águas, conforme se veicula na mídia desde quando atingiu seu apogeu. “Dai a Cezar o que é de Cezar”, afirmam algumas manchetes dos jornais em uma alusão ao grande imperador romano César. O artigo de Jordão (2008) faz um trocadilho com a palavra “cielo” (céu, em espanhol), trazendo a seguinte manchete: “Cielo é o limite: Como a técnica e a determinação do brasileiro César Cielo impuseram um novo padrão à prova mais clássica da natação”. A matéria nos leva a crer que o desempenho de Cezar é resultado de seu próprio esforço e determinação, sem realizar uma análise profunda das condições materiais que influenciaram em seu desempenho. Não podemos deixar de concordar que a determinação e o esforço pessoal são fundamentais. Porém, seria ingênuo acreditar que o resultado depende somente de tais fatores, embora a mídia queira passar essa idéia, desconsiderando alguns aspectos sócio-culturais que influenciam no desempenho do atleta.

Ressalta-se que a natação no final do século 19 era praticada no mar e exigia apenas um maiô ou calção sendo, portanto, acessível a qualquer indivíduo. Entretanto, a discriminação e o aburguesamento foram marcantes a partir da década de 1919, quando foi inaugurada a primeira piscina privada no Rio de Janeiro pelo Fluminense Futebol Clube (Viana, 1996).

Atualmente a natação é acessível a muitas crianças e jovens por meio de programas de iniciação esportiva do Estado. Entretanto, a natação de alto nível

limita-se a uma pequena parcela da população, freqüentemente de classe social abastarda, já que impõe uma exaustiva rotina de treinamento, uso de equipamentos e treinamento no exterior, uma realidade incompatível com os jovens de classe social menos favorecida.

Já na natação feminina destacam-se duas atletas, Joana Maranhão e Rebeca Gusmão, primeiro em função de suas performances e segundo pelos escândalos de assédio sexual no qual Joana foi vítima de seu primeiro treinador. Assim como, pelo uso de doping por Gusmão. A natação feminina continua sendo secundária na mídia, provavelmente reflexo da falta de incentivos, e conseqüentemente de poucos resultados expressivos, especialmente se comparada a masculina.

Até hoje os destaques da natação na mídia continuam sendo a trajetória de vida dos atletas, os equipamentos e vestimentas, composição morfológica destes, comparação de desempenho entre atletas e os escândalos de anti-doping, sendo a televisão a principal ferramenta da relação entre natação e mídia.

Este veículo de comunicação permitiu ao telespectador o acompanhamento detalhado dos eventos esportivos, tornando o telespectador em autoridade potencial em assuntos esportivos (Midwinter, apud Betti 1998). A tecnologia utilizada durante as transmissões de eventos, por exemplo, as câmeras submersas, permitem uma maior visualização e compreensão dos nadados.

Para Betti (1998), as estratégias para envolver o telespectador nas notícias esportivas vão além de uma boa imagem. A mídia, conforme o autor utiliza-se de recursos como a falação, nostalgia, emoção, adrenalina, cotidiano, esporte global e publicidade, para seduzir o telespectador e estimulá-lo ao consumo, seja das praticas esportivas realizada nos clubes ou de qualquer outro produto.

Neste cenário, os movimentos dos nadadores são estetizados e adorados, estes se tornam peixes e sereias. O telespectador se identifica com o atleta, e por não ser ele o próprio ídolo, conforma-se em consumir sua imagem e os produtos anunciados por este.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o século passado o esporte tornou-se um fenômeno sócio – cultural de notória relevância e complexidade, especialmente em função de sua transformação em espetáculo, despertando a atenção de diferentes espaços sociais, dentre eles o econômico, o político e o acadêmico. Com a natação não foi diferente, ao ser exposta na mídia, assumindo a lógica do espetáculo e afirmando sua relação definitiva e inelutável com o lucro.

Com o destaque da natação brasileira nas competições como Pan-americano, mundial e Olimpíadas, especialmente a partir da década de 70 os nadadores brasileiros são transformados pela mídia, em heróis, suas histórias vidas, dramas e obstáculos ultrapassados são expostos e tudo se transforma em um grande espetáculo.

Este estudo revelou que a mídia contribui para reforçar estereótipos e enfatiza a história dos campeões, deixando à margem questões como a participação da mulher, do negro e das classes menos privilegiadas na natação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BETTI, M. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papyrus, 1998.
2. CAMARGO, VRT. **Nadadores Brasileiros**: Campeões ou ídolos Esquecidos. Campinas, 1995. (Dissertação apresentada a Universidade Estadual de Campinas- Unicamp.)
3. DEVIDE, FP. **A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX**: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. Movimento. 2004; 2: 125-144
4. DEVIDE, FP, VOTRE, SJ. Doping e mulheres no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**. 2005; 27: 123-138.

5. JORDÃO, C. Cielo é o Limite. **Revista Isto é Independente** [periódico on line]. 2008. Disponível em [www.terra.com.br/istoe/edicoes/2073/artigo\[2009, set 10\]](http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2073/artigo[2009, set 10])
6. JUNQUEIRA, V. 1984: **O ano que não aconteceu**. Best Swinming. 2008. Disponível em www.bestswinming.com.br [2009 out 20]
7. VIANA, A.M.A. **Natação um desporto burguês?** Rio de Janeiro, 1996. (Dissertação apresentação a Universidade dos Estados do Rio de Janeiro-Instituto de Educação Física e Desporto)
8. [anonymus].Os olímpicos. **Revista Veja** [acervo digitalizado].1968a, 3. 49. Disponível em www.veja.abril.com.br/acervo [2009, set 10]
9. [anonymus].Fiollo: Persistência. **Revista Veja** [acervo digitalizado]. 1968b, 4. 49. Disponível em www.veja.abril.com.br/acervo [2009, set 10]
- 10.[anonymus]. Como ser um campeão olímpico. **Revista Veja** [acervo digitalizado]. 1968c, 5. 49. Disponível em www.veja.abril.com.br/acervo [2009, set 10]
- 11.[anonymus]. Mulheres, e muito. **Revista Veja** [acervo digitalizado]. 1972a, 190. 65. Disponível em www.veja.abril.com.br/acervo [2009, set 10]
- 12.[anonymus]. As medalhas do Tubarão de Munique. **Revista Veja** [acervo digitalizado].1972b, 209. 10. Disponível em www.veja.abril.com.br/acervo [2009, set 10]
- 13.[anonymus].Afundou, ganhou. **Revista Veja** [acervo digitalizado]. 1974, 299. 65. Disponível em www.veja.abril.com.br/acervo [2009, set 10]
- 14.[anonymus].O gênio das piscinas. **Revista Veja** [acervo digitalizado]. 1984. 49. 50-54. Disponível em www.veja.abril.com.br/acervo [2009, set 10]
- 15.[anonymus] Braçadas Prateadas. **Revista Veja** [acervo digitalizado]. 1992, 1246. 70. Disponível em www.veja.abril.com.br/acervo [2009, set 10]